



Revista Brasileira de Ciências do Esporte

ISSN: 0101-3289

rbceonline@gmail.com

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Brasil

JAHNECKA, LUCIANO; RIGO, LUIZ CARLOS; SANTOS DA SILVA, MÉRI ROSANE
OLHANDO FUTEBOL: JEITOS XAVANTES DE TORCER

Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 35, núm. 1, enero-marzo, 2013, pp. 195-
210

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338577015>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

OLHANDO FUTEBOL: JEITOS XAVANTES DE TORCER¹

MS. LUCIANO JAHNECKA

Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Doutorando do PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC) (Florianópolis – Santa Catarina – Brasil)

E-mail: jahnecka@ibest.com.br

DR. LUIZ CARLOS RIGO

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professor Associado
da Escola Superior de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação
Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), Pesquisador da Rede CEDES (Ministério do
Esporte) (Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil)

E-mail: lcrigo@terra.com.br

DRA. MÉRI ROSANE SANTOS DA SILVA

Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS), Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e do
Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências, Pesquisadora da Rede CEDES (Ministério do
Esporte), (Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil)

E-mail: meri.rosane@hotmail.com

RESUMO

Diferente dos estudos que tratam das torcidas dos clubes das grandes cidades, esta pesquisa teve como objetivo central descrever e analisar os torcedores do Grêmio Esportivo Brasil (Pelotas, RS, Brasil). Inspirado na perspectiva da etnografia contemporânea, que contou com um trabalho de campo realizado nos anos de 2007 e 2008 que envolveu observações, entrevistas e registros fotográficos, realizou-se uma descrição cuidadosa, acompanhada de uma análise das práticas torcedoras que ocorrem antes, durante e após os jogos. Concluímos que a torcida do Grêmio Esportivo Brasil contempla uma diversidade de grupos de torcedores que se relacionam com o futebol e com o clube de distintas maneiras, produzindo diferentes jeitos Xavantes de torcer.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; etnografia; socialização; torcedores xavantes.

1. Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada “O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol”, defendida no Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

[...] embora na maior parte do tempo suas lembranças ficassem adormecidas, às vezes elas surgiam com um impacto brusco, convencendo-o, com uma nostalgia gostosa, de que nada jamais fora tão intenso ou estressante quanto aqueles momentos de presença física num evento esportivo. Lembranças assim ressoavam a cada nova experiência, tornando cada evento um pouco mais complexo, mais polifônico e polirítmico – e de algum modo mais poderoso, conforme o garoto ia crescendo. (GUMBRECHT, 2007, p. 20).

Na passagem acima, Hans Ulrich Gumbrecht (2007) salienta a intensidade das lembranças dos eventos esportivos. No caso do futebol, para muitos esta intensidade é acrescida pelo pertencimento clubístico, constituído “[...] não necessariamente pela freqüência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional” (DAMO, 2007, p. 52). Assim, neste trabalho o torcer será entendido como as diferentes expressões, comportamentos e posturas que revelam um envolvimento emocional e uma preferência por um determinado clube de futebol.

Para os frequentadores de um estádio, o torcer pode ser: xingar, entoar cantos, bater palmas, gritar, soltar foguetes, movimentar bandeiras, balões, camisetas ou outras vestimentas com as cores do clube. Essas práticas torcedoras² criam e fortalecem afinidades entre sujeitos que muitas vezes nem se conheciam.

O estádio de futebol é um microcosmo onde são travadas disputas entre duas equipes, que no futebol profissional representam dois clubes. É através da vitória que os torcedores de um clube podem satirizar os torcedores de outro. É também através de vitórias que os clubes vencem disputas, sagram-se campeões, aparecem na mídia, aumentam a sua torcida e conquistam mais espaço no “sistema futebolístico”.³

Mas afinal, quem são os Xavantes? A expressão “xavante” foi utilizada pela primeira vez de forma pejorativa em 1946, por um dirigente do clube rival da cidade (Esporte Clube Pelotas), para expressar a sua desaprovação às atitudes dos torcedores do Grêmio Esportivo Brasil (G. E. Brasil) em jogo daquele ano. Posteriormente, o termo foi apropriado pelos torcedores do G. E. Brasil, que instituíram a ele uma

-
2. O conceito de práticas torcedoras foi utilizado neste artigo inspirado no conceito de “práticas cotidianas” de Michel de Certeau, (1994). Ou seja; como “práticas inventivas” produtoras de cultura. Maiores considerações ver; CERTEAU, M. “A invenção do cotidiano I: Artes de fazer”.
 3. “Sistema futebolístico” é um conceito utilizado por Carmem Rial (2008). A autora utiliza-se do conceito de campo de Bourdieu para definir “o sistema futebolístico” como um sistema que engloba o “campo futebolístico” propriamente dito, onde ela insere as diversas práticas do futebol, o “campo jornalístico” e o “campo econômico” (2008, p. 23).

positividade, relacionando-o a adjetivos como corajoso, guerreiro, aguerrido.⁴ Inserido nesse contexto, este artigo tem como objetivo maior investigar como se constituem as práticas torcedoras dos Xavantes, clube de futebol profissional do interior do Estado do Rio Grande do Sul, dando visibilidade às formas e aos jeitos que se manifestam nas relações entre os torcedores e destes com o clube.

O FAZER ETNOGRÁFICO: OPÇÕES DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada a partir da perspectiva da etnografia contemporânea, com contribuições advindas de autores como Geertz (1989) e Lóic Wacquant (2003). Além de atentar para as diferenças existentes entre estes dois autores, convém explicitar que eles não foram utilizados como um referencial a ser aplicado, mas como uma “caixa de ferramenta”, no sentido que aponta Michel Foucault (1979).⁵ Assim, eles foram acionados porque julgamos que, de alguma forma, eles poderiam contribuir com o exercício etnográfico que nos propusemos a realizar.⁶

O trabalho de campo compreendeu o período de treze meses (agosto de 2007 a setembro de 2008), e foi realizado junto aos jogos que o G. E. Brasil disputou em seu estádio (Bento Freitas) e em outros. No período da pesquisa, o clube participou da Copa Paulo Rogério Amorety, no segundo semestre de 2007; do Campeonato Gaúcho, no primeiro semestre de 2008; e do Campeonato Brasileiro da Série C, no segundo semestre de 2008.⁷

-
4. A palavra “xavante” começou a ser utilizada para designar os torcedores deste clube após um jogo pelo campeonato da cidade, disputado entre o G. E. Brasil e o seu maior rival, o Esporte Clube Pelotas, em 28 de julho de 1946. Cláudio Andreatta (2007) narra o episódio lembrando que: “Foi justamente num jogo contra o nosso arqui-rival, Esporte Clube Pelotas, em que o Brasil naquela oportunidade perdia por 3 a 1. [...] Esse Juvenal então marcou 1 gol, e daí começou a reação neste jogo, e o Brasil acabou ganhando de 5 a 3. A torcida derrubou, naquela época não tinha tela era talvez uma mureta. E um dirigente do Pelotas, em alusão eu acho aquelas reportagens que faziam na revista ‘O Cruzeiro’ sobre os índios xavantes, disse que a torcida do Brasil eram uns bárbaros, mas em tom pejorativo, eles eram xavantes. Daí o torcedor pegou, se apropriou desse termo xavante. Eu não vi esse jogo, de 46 eu não fui ver. O meu irmão foi ver com o meu pai, me lembro perfeitamente bem.” (ANDREIA, 2007, pp. 1-2). ANDREIA, C. M. C. *Memórias Xavantes*, Pelotas 02 de dezembro de 2007. Entrevista concedida a L. J. Outras considerações sobre o emprego do símbolo e memórias “xavante” pelos torcedores, consultar JAHNECKA (2010).
 5. Para Foucault, apropriar-se de um autor como uma “caixa de ferramenta” significa “[...] utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar” (1979, p. 143). Maiores considerações ver: Francisco Jódar e Lucía Gómez (2004), “Experimentar o presente: sobre a conformação de novas identidades”.
 6. Apesar da recorrência feita a Lóic Wacquant (2003), em muitos aspectos o estudo aqui apresentado difere da pesquisa feita por este autor. Um exemplo é o conceito de “Participação Observante”: se para Wacquant ela pressupõe até uma iniciação do pesquisador na prática do boxe, neste estudo denominamos de “Participação Observante” a inserção dos pesquisadores nas práticas torcedoras e no convívio com grupos que possuíam um intenso sentimento de pertencimento clubístico. Apesar de diferente, nesse caso também há uma “Participação” do sujeito (pesquisador) junto ao objeto (práticas torcedoras).
 7. Exceto a Copa Paulo Rogério Amorety (em 2007 ela levou esse nome em homenagem a Paulo Rogério Amorety Souza, presidente do Sport Club Internacional nos anos de 1998 e 1999, falecido em julho de 1999), da qual

Durante o trabalho de campo foram coletadas cerca de 15 horas de material audiovisual, aproximadamente 600 fotos, borderôs das partidas⁸ e material de divulgação das ações coletivas dos torcedores. Esse material foi coletado em dias de jogos (antes, durante e depois das partidas), durante uma ação coletiva da torcida no centro da cidade, e em uma reunião envolvendo comissão técnica, torcedores e jogadores.⁹ No diário de campo constam registros referentes aos jogos que ocorreram “dentro” e “fora” de “casa”, das viagens junto com a torcida, pequenos comentários de torcedores e análises de notícias do G. E. Brasil, que foram publicadas nos veículos de comunicação (jornais, televisão e internet) da cidade e região, referentes ao período estudado.¹⁰ Para melhor compreender o episódio da emergência e consolidação do termo Xavante, foi feita uma busca histórica específica junto ao Jornal Diário Popular e ao Jornal Opinião Pública no ano de 1946.¹¹ Além de conversas informais que tivemos com vários torcedores, realizamos duas entrevistas semiestruturadas (TRIVIÑOS, 1987) com dois torcedores do G. E. Brasil, as quais foram previamente agendadas.¹²

O critério de acompanhamento e interação com os torcedores teve como referência os sujeitos que participavam por meio da internet do “Fórum Xavante”. Participavam deste fórum: conselheiros do clube, sócios, integrantes de torcidas organizadas e torcedores que não possuíam filiação clubista registrada. O Fórum é uma forma singular de organização, que se distingue das tradicionais formas de

participam clubes convidados do Rio Grande do Sul. Nas outras duas competições a participação dos clubes está condicionada ao desempenho que eles tiveram na edição anterior. Assim, desde a edição de 2010, o G. E. Brasil está disputando a segunda divisão do Campeonato Gaúcho.

8. Documento que serve para registrar as ocorrências oficiais do jogo. Neste, o árbitro relata as advertências emitidas aos atletas, o placar final do jogo, quais atletas atuaram na partida, o público presente, a receita da partida, a condição do estádio, a conduta do policiamento e dos funcionários das equipes. A Federação Gaúcha de Futebol disponibilizava esse documento. Disponível em: <www.fgf.com.br> acesso em: 23 jul. 2008.
9. A ação coletiva da torcida visou a venda de pacotes de ingressos para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C de 2008. A reunião entre torcedores, jogadores e comissão técnica ocorreu após a chegada de novos jogadores no clube, antes de iniciar a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C de 2008. Nessa reunião, três torcedores discursaram em tom bastante emotivo, demonstrando sua afeição ao clube.
10. Diário de campo dos pesquisadores. Julho 2007 a janeiro 2009. Manuscrito, 54pp.
11. Na busca que fizemos nos jornais da década de 1940, identificamos que naquela época a torcida do G. E. Brasil já organizava excursões para acompanhar o time em jogos em outras cidades. Ao referir-se a uma excursão que iria ocorrer para a cidade de Rio Grande, o Jornal Opinião Pública destaca que: “Dado o entusiasmo reinante prevê-se que será numerosa a multidão de torcedores que integrará a grande caravana esportiva, cuja organização vem sendo orientada pelos dirigentes do Grêmio Esportivo Brasil” (OPINIÃO PÚBLICA, 17/09/1946, p. 04).
12. A primeira entrevista foi com Cláudio Milton Cassal de Andrea, presidente do clube em 1977 e dirigente no período de 1959 a 2006. A entrevista ocorreu dia 02 de dezembro de 2007 no local de trabalho do entrevistado. A segunda entrevista foi com Tiago da Silva Bündchen, dia 20 de dezembro de 2007, no local de trabalho do entrevistado. Na data da entrevista Tiago possuía 26 anos. Ele nos contou que participava de ações de torcedor desde os 13 anos e recentemente passou a fazer parte do Conselho Deliberativo do clube. Os dois entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e concordaram que os seus nomes fossem citados no estudo.

organização e de vínculos clubísticos que predominam na maior parte das torcidas organizadas dos grandes clubes brasileiros.¹³ Ao longo da pesquisa, percebemos que o “Fórum Xavante” desfrutava de uma boa aceitação e certa influência perante a direção do clube. Um exemplo disso foi o episódio em que novos jogadores do clube foram apresentados em um encontro com o “Fórum”, e nesse encontro três torcedores falaram da Torcida Xavante e do apoio que os jogadores teriam.

LUGAR XAVANTE

I O ESTÁDIO BENTO FREITAS: A BAIXADA¹⁴

O estádio Bento Freitas possui quatro entradas para torcedores e, quando necessário, uma delas é utilizada pela “torcida visitante”.¹⁵ A entrada dos não sócios para as arquibancadas é a que possui maior fluxo e é feita através de três portões. O acesso dos sócios às arquibancadas ocorre por um outro portão. Já a entrada para as cadeiras de sócio é feita por uma rampa que leva até um pavimento superior do estádio. Logo depois da entrada desses torcedores no estádio, é possível observar um pequeno portão controlado por um funcionário do clube, por onde os sócios das cadeiras podem ter acesso às arquibancadas; já o movimento contrário não é permitido.

O estádio é composto por uma arquibancada que acompanha quase a totalidade do campo. O anel de arquibancada contorna as duas linhas de fundo e uma das laterais do campo; a outra lateral do campo é cercada por uma arquibancada que começa na linha de fundo e vai até um pouco antes da linha central do campo. Situadas acima dessa arquibancada ficam as cadeiras dos sócios, e ao lado destas há uma outra arquibancada, na parte superior da qual estão as cabines da imprensa.

13. O Fórum Xavante não possui sede e seus membros não assinam nenhuma filiação. O acesso para as discussões ocorre mediante o preenchimento de um cadastro de dados básicos. Durante o período desta pesquisa, entre outras ações, o Fórum fez uma campanha que arrecadou fundos para a melhoria da iluminação do Estádio Bento Freitas e para a implementação de um sistema de drenagem no gramado. Maiores considerações, disponível em: <www.forumxavante.com>.

14. Apelido pelo qual é conhecido o estádio do G. E. Brasil, que está situada em uma parte baixa da cidade, próximo à zona portuária.

15. A cidade de Pelotas é uma das poucas cidades do sul do estado a possuir clubes de futebol disputando a primeira divisão do campeonato estadual. Durante o campeonato gaúcho do ano de 2008, as sedes dos clubes mais próximos estavam localizadas a cerca de 250 quilômetros de distância, na capital do estado, Porto Alegre, o que dificultava o deslocamento de torcedores de outros clubes quando estes jogavam em Pelotas. Porém, apesar da distância, a torcida Xavante possui uma tradição em acompanhar o clube em jogos “fora-de-casa”. Sobre essa tradição, Cláudio Andrea (2007) lembrou que ela foi fundamental para organizar uma excursão de torcedores Xavantes, que ficou famosa, para a cidade de Estrela em 1977. E acrescentou: “[...] quando jogamos em Estrela foi fácil pra nós realizarmos essa excursão dos cem ônibus, porque a gente já tinha know-how”, (ANDREA, 2007, p. 4).



Figura 1. Visão da arquibancada lateral ao campo de jogo. As cores rubro-negras nas vestimentas e nos balões e a grande aglomeração de torcedores, alguns subindo na tela minutos antes do jogo iniciar, mostram a intensidade e a excitabilidade das práticas torcedoras nessa parte do estádio durante os jogos. (Registro realizado no jogo final da Copa Rogério Amoretti em 02 de dezembro de 2007, Brasil e S. E. R. Caxias)¹⁶.



Figura 2. Arquibancada lateral do estádio novamente, agora vista por outro ângulo. A foto mostra a movimentação dos torcedores procurando o melhor lugar para assistir ao jogo. O melhor lugar pode ser o de melhor visibilidade para ver o jogo, próximo à charanga, junto a alguns grupos específicos de torcedores, ou próximo a amigos, conhecidos e familiares. (Jogo da primeira fase da Copa Rogério Amoretti, em 30 de setembro de 2007).

16. Sociedade Esportiva Recreativa Caxias, localizado na cidade de Caxias do Sul, ao norte do Rio Grande do Sul. Em 2007 disputou o Campeonato Gaúcho da primeira divisão e o Campeonato Brasileiro Série "C".

No que se refere às *formas de manifestação*, as observações possibilitaram dividir as práticas da torcida xavante em antes e durante o jogo. Para alguns torcedores, o antes do jogo inicia dias antes da partida. Apesar de o acompanhamento ter priorizado um grupo de torcedores específico (participantes do Fórum Xavante), dentro do estádio os registros não se limitaram a eles.

Para a maior parte dos torcedores, uma “agradável tensão-excitação” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 48) do jogo está relacionada e condicionada ao resultado da partida. Desse modo, as formas de manifestação, a intensidade e a diversidade das práticas torcedoras dos xavantes estão diretamente relacionadas com a possibilidade de vitória ou de derrota e com a imprevisibilidade do jogo, o que acaba produzindo diferentes formas grupais de torcer.

O gol é um dos momentos de maior tensão emocional dos torcedores. E quanto maior é a rivalidade ou a qualidade do adversário, maior é a excitação e o prazer dos torcedores no momento do gol.

Outros lances dos jogos, que costumam ser acompanhados com atenção pela torcida, são as advertências aos jogadores pelo árbitro, as cobranças de faltas próximas à goleira, os escanteios e demais lances que oferecem “perigo” de gols. Indiretamente, algumas ações do campo de jogo são claramente incentivadas pela torcida, que se expressa principalmente através de pequenos comentários individuais ou mesmo manifestações coletivas de contentamento, por exemplo, o drible desconcertante no adversário ou a demonstração de um comportamento mais “viril” em alguma jogada realizada por um jogador de seu time. Essa situação é abalada e tende para o lado oposto (a derrota) quando estes lances ocorrem a favor da outra equipe. O pior lance e o menos desejado de todos é o gol da equipe adversária.

Além da relação direta entre os torcedores e ações do jogo, é possível identificar certas diferenciações entre os torcedores nas formas de torcer, considerando também os espaços ocupados dentro do estádio, neste caso o estádio Bento Freitas. Próximo à linha central do campo, os torcedores assistem ao jogo em pé, cantam, vestem camisetas ou outras vestimentas que os identifique com o clube, carregam bandeiras, alguns fazem parte de torcidas organizadas e são, em sua maioria, jovens. Nessa parte do estádio, os cantos começam a ser entoados pouco antes ou logo após a entrada dos jogadores em campo.

Grande parte dos torcedores que participavam do “Fórum Xavante” e frequentavam o estádio eram encontrados nesse espaço, com algumas exceções que transitavam ora na área central, ora nas sociais ou outras partes da arquibancada. Durante os jogos, estes torcedores costumavam ficar próximos ao círculo central

do campo, onde a demarcação do espaço é mais fluida. Esta também era a parte do estádio onde sempre havia uma grande concentração de torcedores, na maioria uniformizados, e dos grupos organizados. Porém, cabe destacar que os grupos organizados, afetivamente vinculados ao G. E. Brasil, diferem bastante da maioria das torcidas organizadas dos “clubes das capitais”. A “Comando Rubro-Negro” e a “Máfia Xavante”, por exemplo, podem ser caracterizadas como uma uniformização de indivíduos que possuem vínculos afetivos entre si e com o clube. Tiago Bündchen (2007, p. 10), ao comentar sobre as singularidades que caracterizam estas organizações no contexto do G. E. Brasil, revela que:

[...] é mais um grupo de amigos que coloca a mesma camiseta e vão pro jogo juntos, sentam no mesmo lugar, colocam uma faixa e tal. Não é aquela torcida organizada como a gente vê em São Paulo, Rio, ou em Porto Alegre. Não é aquela torcida que se separa das outras pra poder chamar atenção pro nome da torcida. Torcida organizada do Brasil é isso, um grupo de amigos que se juntam..¹⁷

O Comando Rubro-Negro e a Máfia Xavante são os grupos mais institucionalizados, os quais mais se aproximam das formas de organização das tradicionais torcidas organizadas brasileiras; eles são os únicos grupos que possuem cadastro e portam uniformes. Os outros “grupos de torcedores”, que também se reúnem e se organizam para torcer pelo clube em jogos em casa e fora de casa, em excursões, são menos institucionalizados, diferenciando-se bastante das torcidas organizadas analisadas por Luiz Henrique de Toledo (1996), por exemplo, as quais possuíam filiação, cadastro, diretorias, sedes próprias e contavam com apoio financeiro do clube.¹⁸

A presença de um público maior ou menor nos jogos no estádio Bento Freitas está relacionada com a tradição, com a qualidade do adversário e com a fase da competição a que um jogo corresponde. De um modo geral, o público aumenta quanto mais o clube avança nas competições e enfrenta adversários mais qualificados.

Os torcedores que acompanham os jogos atrás das goleiras possuem uma média de idade mais avançada, e podem ser divididos entre aqueles que permanecem atrás da mesma goleira toda partida e aqueles que, na expectativa de acompanhar melhor os lances de ataque e de gols da sua equipe, no intervalo do jogo migram para a outra goleira, permanecendo sempre atrás do gol adversário. Estes

17. BÜNDCHEN, T. S. *Torcedor Xavante*. Pelotas, 20 de dezembro de 2007. Entrevista concedida a L. J.

18. Maiores considerações sobre as Torcidas Organizadas do futebol brasileiro em grandes centros urbanos consultar a obra de Toledo (1996).

torcedores acompanham atentamente o jogo, e costumam intercalar xingamentos com aplausos e pequenas cantigas. Diferente dos torcedores que estão na faixa central do campo, que permanecem em pé a maior parte do jogo, eles acompanham a partida sentados, levantando-se sempre que há uma jogada de ataque.

Outro grupo de torcedores fica nas “cadeiras sociais”. Lugar restrito aos sócios do clube, ele é constituído por público menor e de maior poder aquisitivo, que torcem e se manifestam com certas peculiaridades, o que os difere dos torcedores das gerais. Por exemplo, eles dificilmente trocam de lugar durante uma partida, cantam menos e poucos vestem camisetas, jaquetas ou outras roupas que lembram o clube. Os dirigentes do clube costumam assistir aos jogos desse lugar. Apesar de também serem torcedores, eles procuram manter um maior distanciamento emocional para tomarem decisões que levam em conta também a realidade socioeconômica e administrativa do clube, o que nem sempre é fácil, pois, como nos contou o dirigente Cláudio Andréa:

Tudo depende do resultado, no momento que perde tu és ladrão, tu estás roubando o clube, xingamentos de toda ordem. Por isso, eu acho que o futebol empresa é muito difícil se instalar porque tem essa paixão, esse componente aí que move o futebol. Em que tomamos atitudes movidos pela paixão, impensadas, que não tomaríamos se fosses dirigente de uma empresa. O dirigente de uma empresa toma decisões baseado nos números. Enquanto que no futebol quantas e quantas vezes tu tomas decisões que jamais tu tomarias se fosse dirigente de empresa. Tu és obrigado a tomar essa decisão por pressão da torcida, tu tens que contratar um jogador, o time tem que dar a volta por cima e tudo acontece ao contrário. Tu contratás aquele jogador gastando o que tu não tens e continuas perdendo, e cada vez tu vai mais pro buraco. Isso é o futebol. E a torcida pressionando. (ANDREA, 2007, p. 8).¹⁹

As transformações na arquitetura interna dos estádios de futebol têm sido tema de inúmeras controvérsias em diferentes países (GIULIANOTTI, 2002). Ao se referir às transformações ocorridas nos estádios da Inglaterra, Antônio Cruz (2005, p. 87) ressalta que há “uma extrema compartmentalização das arquibancadas, atendendo a um escalonamento de preços que, a princípio, atenderia a todas as graduações sociais, mas que de fato estão fora do alcance de boa parte da torcida”.

No Brasil, em alguns estádios as reformas também estão intensificando e sedimentando uma maior segregação entre os torcedores. Ao analisar as mudanças arquitetônicas feitas no Maracanã (Estádio Mário Filho), Antônio Cruz (2005, p. 96)

19. Entrevista com Cláudio Milton Cassal de Andrea. Pelotas, 02 de dezembro de 2007.

alerta para uma intensificação da segmentação entre os torcedores. Uma maior estratificação dos lugares correspondentes a diferentes valores dos ingressos:

[...] as cadeiras brancas, mais caras, situadas no meio do campo, direcionadas a um público mais “família”, e aos turistas, em que também é possível a mistura de torcedores de times opostos em dias de clássicos regionais; as cadeiras amarelas, situadas na quina do círculo, direcionadas a torcedores de um time que preferem ficar à distância das torcidas organizadas e que possui um preço intermediário; por fim, as cadeiras verdes, situadas atrás do gol, mais baratas e direcionadas às torcidas organizadas.

No estádio Bento Freitas, semelhante ao que predomina na maior parte dos estádios de futebol de clubes de interior do futebol brasileiro, as modernizações arquitetônicas e a segregação dos torcedores a partir de lugares, não alcança as mesmas proporções que encontramos em estádios como o Maracanã, por exemplo. Mas durante o trabalho de campo que realizamos, percebemos que a grande maioria dos torcedores costuma ir ao estádio sempre no mesmo setor (cadeiras sociais ou arquibancadas). Um pouco dessa distinção existente entre os torcedores xavantes transpareceu na conversa informal que tivemos (no dia 23 de julho de 2008) com o ex-presidente do Brasil, Cláudio Andréa. Ele comentou que sempre frequentou as cadeiras sociais e que “desconhecia alguns cantos dos torcedores da arquibancada”. Cláudio Andréa ficou admirado quando lhe mostramos o vídeo que fizemos sob o “bandeirão”, que mostra uma prática corriqueira dos torcedores das arquibancadas em dias de jogo no Bento Freitas.²⁰

20. Esta referência deveu-se a um material audiovisual produzido através da edição de imagens coletadas durante a realização do trabalho de campo. Ele traz um conjunto de registros fotográficos e pequenos vídeos das práticas torcedoras da arquibancada, entre elas o “bandeirão”. O “bandeirão” é uma bandeira que fica estendida sobre os torcedores cobrindo verticalmente uma das arquibancadas laterais do estádio e horizontalmente boa parte da mesma, tendo dimensões próximas a 20 metros de largura por 70 metros de comprimento. Geralmente é estendida quando o time entra em campo. No lado oposto do campo os torcedores presentes nas “sociais” conseguem observar as cores, o distintivo do clube e o nome de torcidas organizadas ao longo do “bandeirão”.



Figura 3. Quando o “bandeirão” é estendido, os torcedores que estão embaixo dele ficam impossibilitados de acompanhar a partida, mesmo assim ele é estendido várias vezes nos jogos e já se tornou um símbolo dos Torcedores Xavantes. (Partida válida pela segunda fase do Campeonato Brasileiro da Série C, onde o G. E. Brasil venceu o J. Malucelli por 3 a 1, 13 de julho de 2008).²¹



Figura 4. Os torcedores entoam cantos em grupos e movimentam o “bandeirão” sem parar. Além de aproximá-los, essas práticas torcedoras intensificam o pertencimento clubístico existente em cada um, em parte expresso nas camisas, nos chapéus ou outras identificações públicas com as quais eles vão aos jogos. (Jogo de 30 de setembro de 2007, em que o Brasil ganhou do A. F. Garibaldi²² também por 3 a 1) .

21. O J. Malucelli Futebol está localizado na cidade de Curitiba, no estado do Paraná, e em 2008 disputou o Campeonato Paranaense da primeira divisão e o Brasileiro da Série C. Em fevereiro de 2009, após uma parceria com o homônimo da capital paulista o clube passa a se chamar Sport Club Corinthians Paranaense.

22. Associação Garibaldi de Futebol, localizado na cidade de Garibaldi norte do Estado do Rio Grande do Sul, disputava a segunda divisão do Campeonato Gaúcho.

Essa forma particular de torcer que identificamos entre os torcedores de um mesmo clube é o que denominamos de *formas de envolvimento*. Além dos posicionamentos ocupados no estádio, presença física nos dias de jogos ou reações nos lances de uma partida, essas formas de torcer dizem respeito também ao relacionamento, ao pertencimento que eles estabelecem com o clube.

Com a participação-observação feita durante a pesquisa, identificamos diferentes perfis ou distintos estilos de torcedores xavantes, que classificamos em: torcedor-festa, torcedor-observador e torcedor distanciado.

O torcedor-festa, ou ainda, torcedor-militante, é aquele que pertence a grupamentos e organizações de torcedores lembrando, em alguns aspectos, as torcidas organizadas. Para eles, torcer faz parte de “um estilo de vida” (TOLEDO, 1996, p. 97). De acordo com Julianotti (2002, p. 97), para estes sujeitos “quanto mais intensa a ‘atmosfera’, mais aprazível o jogo”. Este torcedor geralmente mantém um engajamento direto com o clube. Tomás Recuero,²³ por exemplo, nos contou que começou a participar das ações coletivas da torcida fora do estádio após 2006, ano que passou a se responsabilizar pelos cuidados com o “bandeirão” – reforma, transporte e seu alojamento.

Richard Julianotti (2002, p.96) classifica esses envolvimentos como “relações topóficas”, nas quais, segundo ele, há uma “profunda afeição das pessoas pelos espaços sociais particulares, ou ‘locais’”. Essas relações são revigoradas nos estádios, nas preparações grupais que antecedem as partidas, nas viagens para o acompanhamento do time, enfim, nas experiências e nos espaços que são compartilhados pelos diferentes grupos de torcedores, que têm em comum o sentimento clubístico de torcer pelo G. E. Brasil.

Entre as práticas produzidas pelos torcedores do G. E. Brasil chama a atenção a tradição em acompanhar o clube em jogos “fora-de-casa”, em ônibus fretados pelos próprios torcedores. Apesar de muitas destas excursões serem longas, cansativas e envolverem outras adversidades, como o enfrentamento com outros torcedores, para os Xavantes elas são, em primeiro lugar, uma oportunidade para “fazer festa”.

O torcedor-observador caracteriza-se por manter uma aproximação esporádica com o clube e com outros torcedores. Seu envolvimento como torcedor não é o de um frequentador assíduo dos estádios, mas compartilhar práticas com os torcedores que são mais militantes que ele. O torcedor-observador assimila, com um maior grau de racionalidade, os resultados do time, sofre menos com as

23. Participante do Fórum Xavante e conselheiro do clube, estudante, na época com 21 anos, durante a mobilização para a venda de pacotes de ingressos para o Campeonato Brasileiro Série C, no dia 28 de junho de 2008, ocasião em que conversamos sobre sua participação nas ações da torcida.

derrotas e comemora as vitórias com menos euforia, principalmente se comparado ao torcedor-militante. O torcedor-observador mantém relações de proximidade e de amizades com outros torcedores (militantes e distanciados), e esporadicamente também se envolve em ações de maior engajamento clubístico, como, por exemplo, participar de uma excursão para acompanhar o clube em um jogo em outra cidade.

O torcedor distanciado, ou torcedor-consumidor, se aproxima daquilo que Richard Giulianotti (2002) descreveu como “pós-torcedor”.²⁴ São sujeitos que vão aos estádios mais para ver futebol do que para torcer pelo clube. Dentre os torcedores, eles são aqueles que mantêm um distanciamento maior perante o jogo, e costumam ter um posicionamento crítico inclusive com o seu time.

Existe, de certa maneira, uma relação de troca ou de consumo entre estes torcedores e o próprio futebol, onde os torcedores pagam por uma mercadoria (o futebol), em contrapartida esperam receber um produto com certas características (comodidade e segurança nas condições infraestruturais do estádio, um time que seja vitorioso e que dispute competições que tenham visibilidade nos meios de comunicação), enfim, que agregue valor econômico ao uso de sua identificação com um clube.

A classificação como um torcedor-consumidor pode ser utilizada principalmente para essa categoria torcedora muito em função das atuais mudanças que vêm ocorrendo no perfil dos sujeitos que vão aos estádios, e pelo fato de cada vez mais o torcedor estar sendo visto como um consumidor em potencial. Nesse sentido, parte dos clubes brasileiros já sinalizam interesse, preocupação e comprometimento com a emergência e o crescimento do torcedor-distante, ou torcedor-consumidor. Um exemplo disso é o próprio Estatuto de Defesa do Torcedor (2003), que em muitos aspectos lembra o Código de Defesa do Consumidor.²⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS: SÃO MUITOS/AS OS E AS XAVANTES

Tendo como suporte o trabalho de campo feito nos anos de 2007 e 2008, quando convivemos de perto com a torcida Xavante e realizamos esta pesquisa inspirada na etnografia contemporânea, concluímos que a torcida Xavante contempla uma diversidade de sujeitos, que se relacionam com o futebol e com o clube de diferentes formas. Predomina no G. E. Brasil a constituição de grupos de torcedores. Estes grupos possuem formas de organização que os diferencia da

24. Especialmente consultar o capítulo 8: “A política cultural do jogo: etnia, gênero e mentalidade do pós-torcedor”.

25. Em um trabalho recente, Rigo et al (2006), alertaram sobre os riscos do Estatuto de Defesa do Torcedor ter a sua credibilidade e a sua legitimidade comprometida, em função de ele desconsiderar algumas peculiaridades dos estádios e das formas de torcer “à brasileira”.

maioria das torcidas organizadas dos clubes das capitais, um exemplo destes grupos é o "Fórum Xavante".

Nos diversos grupos de torcedores exercita-se uma rotina de práticas torcedoras, que vão desde a realização de pedágio em semáforos (geralmente realizada por torcedores adolescentes em véspera de jogo, para arrecadar fundos para acompanhar o time em viagens fora da cidade) até as cantigas e demais práticas que ocorrem dentro dos estádios. Apesar do forte sentimento de identidades grupais compartilhadas por todos torcedores Xavantes, tanto por aqueles que pertencem ou não a grupos organizados, persistem diferenças significativas quanto ao pertencimento clubístico que cada torcedor institui com o clube. Isso mostra que a Torcida Xavante está longe de ser constituída apenas por uma massa homogênea de torcedores violentos, como certos discursos às vezes parecem insinuar.

Outro eixo que se destacou no trabalho de campo refere-se a como a diversidade da torcida Xavante torce dentro do estádio Bento Freitas. O estádio do G. E. Brasil apresenta uma separação visível entre os torcedores das cadeiras sociais e aqueles das arquibancadas, distinção esta que se expressa também nas formas de torcer e de vestir-se dos torcedores que frequentam estes dois lugares. A segregação arquitetônica que identificamos dentro do Bento Freitas pode ser tomada como uma mostra representativa daquilo predominante nos pequenos e médios estádios, mas ela se difere de forma significativa da realidade dos grandes estádios brasileiros, como por exemplo, do estádio Maracanã, que apresentam uma segregação arquitetônica entre os lugares bem detalhada. Modelo que deverá ser seguido de perto pela maioria dos estádios que estão sendo reformados e preparados para sediar os jogos da Copa do Mundo de 2014.

Por fim, cabe explicitar que o que procuramos descrever e analisar neste estudo são as formas com que sujeitos de uma cidade do interior forjam laços de pertencimentos e torcem por um determinado time de futebol. Um tema que, de certo modo, acompanha o futebol desde a emergência enquanto esporte moderno, mas que se intensifica quando ele consolida-se como esporte das multidões, como "a língua geral esportiva do século XX" (WISNIK, 2008, p. 88).

Looking football: Xavante's ways of support

ABSTRACT: Different from studies about fans from clubs located in big cities, this research aimed to describe and to analyze the fans of Grêmio Esportivo Brasil (Pelotas, RS, Brazil). Inspired by the perspective of contemporary ethnography, through a fieldwork conducted in the years of 2007 and 2008 which involved observations, interviews and photographic records, we made a careful description and analysis of fans practices before, during and after the games. We concluded that the crowd of Grêmio Esportivo Brasil offers a variety of fans which relate with football and with the club in different ways, producing different ways of Xavante's support.

KEYWORDS: Football; ethnography; socialization; Xavantes fans.

Mirando el fútbol: modos Xavantes de apoyo

RESUMEN: Diferente de los estudios que se ocupan de los aficionados de los clubes en las grandes ciudades, esta investigación tuvo como objetivo describir y analizar la hinchada de Grêmio Esportivo Brasil (Pelotas, RS, Brasil). Inspirados en la perspectiva de la etnografía contemporánea a través del trabajo de campo realizado en los años 2007 y 2008 con observaciones participantes, entrevistas y registros fotográficos, hicimos una minuciosa descripción y análisis de las prácticas de los aficionados antes, durante y después de los juegos. Se concluye que la hinchada de Grêmio Esportivo Brasil ofrece una variedad de modos en se relacionar al fútbol y con el club, produciendo diferentes maneras de apoyar Xavante.

PALABRAS CLAVE: Fútbol; etnografía; socialización; hinchas Xavantes.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Congresso Nacional. *Lei 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Brasília, p. 01-05, 16 maio 2003.
- CRUZ, A. H. O. *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros.* 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DAMO, A. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes.* Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.
- _____. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França.* São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Anpocs, 2007.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação.* Lisboa: Difel, 1992.
- FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL. Disponível em: <www.fgf.com.br> Acesso em: 23 jul. 2008.
- FOUCAULT, M. Sobre a prisão. In: _____. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 129-144.
- FÓRUM XAVANTE. Disponível em: <www.forumxavante.com> Acesso em: jul. 2007 a jan. 2009.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.* São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUMBRECHT, H. U. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

JAHNECKA, L. *O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol*. 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

JÓDAR, F.; GÓMEZ L. Experimentar o presente: sobre a conformação de novas identidades. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 139-153, jan./jun. 2004. (Dossiê Michel Foucault)

OPINIÃO PÚBLICA. Avultada caravana de torcedores rubro-negros acompanharão o time de Têtu. *Opinião Pública*, Pelotas, p. 04-05, 17 set. 1946.

RIAL, C. S. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21, jul./dez. 2008.

RIGO, L. C. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2004.

RIGO, L. C.; et al. Estatuto de Defesa do Torcedor: um diálogo com o futebol pelotense. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 223-239, maio/ago. 2006.

TOLEDO, L. H. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados: ANPOCS, 1996.

TRIVIÑOS, A. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

WISNIK, J. M. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em: 21 out. 2010

Aprovado em: 18 mar. 2011

Endereço para correspondência:
Luciano Jahnecka
Rua Almirante Barroso, 3114, ap. 302A, Centro
Pelotas-RS
CEP 96010-280